



XIII congresso

SOPCOM

Comunicação, Culturas
e Comunidades

24-26 janeiro **2024**

Retórica

Retórica

Retórica

24 de janeiro

16h30-18h00

Edifício 2, Sala 1

SESSÃO 1

Discursos e representações

Moderador: José António Domingues

Do tédio à criatividade

José Domingues, PRAXIS – Universidade da Beira Interior

Retórica da técnica: um inventário de problemas

José Gomes Pinto, CICANT – Universidade Lusófona

As muitas faces da retórica: reconhecendo as suas quatro tradições

Samuel Mateus, LabCom – Universidade da Beira Interior / Universidade da Madeira

Da comunicação: como tratar a recusa da comunicação

Guilherme F. Alcobia, Universidade Lusófona

25 de janeiro

9h00-10h00

Edifício 2, Sala 1



Reunião do GT

Coordenação: José António Domingues e José Gomes Pinto

Resumos

Do tédio à criatividade

José Domingues, PRAXIS – Universidade da Beira Interior

O tédio é um dos temas a examinar, no quadro da metafísica de Heidegger, em conexão com o tema da criatividade, aquilo a que o autor alemão se exprime como autenticidade. Claramente não poderão estas conter nenhuma concepção de vontade livre isolada da história e da cultura. Como diz explicitamente, como seres humanos estamos sempre em situações que outros criaram e sobre as quais temos pouco ou nenhum poder. Apenas em momentos de tédio podemos ver que a vida deixa de fazer sentido.

O tédio é o estado afetivo em que a nossa atenção deixa de estar ativa. Passamos a encontrar-nos no estado de desligados. Quando isso acontece, a questão é como voltar a envolvermo-nos com as coisas, ou noutras palavras, a estabelecermos comunicação com os outros, as situações, os objetos. A criatividade, deste ponto de vista, é a questão própria de um regressar, fenomenológico, às coisas, sendo o regresso a condição de uma narração sobre os acontecimentos da vida, os planos.

Tomar atenção, *adtendere* significa tender para, dirigirmo-nos a alguma coisa. Isso para que queremos olhar, ouvir, tocar. O termo é

intermediar. O tédio escapa à atenção quando a intermediação falha. Subitamente nada há para onde tendermos, nos dirigirmos. Interrompe-se a essência da intermediação.

Duas formas de intermediação são examinadas em Heidegger: narração e encarnação. Funções assaz distintas. Não implicam dualismo experiencial. Sincronizam uma com a outra. De que modo, é o que tentaremos explicitar, bem como o sentido que Heidegger lhes concede a propósito a interação semântica com o gesto do corpo.

Em *Conceitos Fundamentais da Metafísica* serão o objeto de análise mais específica: as origens do tédio; como pode a narração resgatar o sujeito da condição de tédio; estamos na presença do Ser - como criar raízes com o Ser.

De repente, tudo parece completamente diferente. No meio desta grande calamidade, explica Heidegger, experimentamos uma ansiedade sóbria “que dá origem a uma” alegria inabalável”.

Palavras-chave: tédio; criatividade; atenção; Heidegger

Retórica da técnica: um inventário de problemas

José Gomes Pinto, CICANT – Universidade Lusófona

Um dos acontecimentos mais marcantes da contemporaneidade é a intersecção cada vez maior entre cultura, técnica e sociedade. Estas intersecções desenham-se a diversos níveis e são captadas e subsumidas em diferentes modos. As respostas aos problemas que se levantam desenham-se nas «ciências da comunicação» através de diferentes perspectivas e tendências, muitas vezes opostas entre si. Desde perspectivas mais empíricas, onde o estudo de caso toma primado, passando pela recente e rejuvenescidas teoria crítica, os estudos culturais, a teoria da imagem, estudos comportamentais, *media effects*, etc. O objectivo desta comunicação é fazer um mapeamento destes problemas em conexão com o discurso retórico, mas centrar-nos-emos

numa perspectiva da teoria da técnica ou daquilo que hoje se designa por materialidade da comunicação (i.e., *Medienwissenschaft*), e que parte do princípio da existência de um a priori técnico e da geração de novas discursividades em seu redor. É nossa intenção desenhar as contraposições, as contradições, as intersecções e os paralelismos que existem ao adoptar uma ou outra perspectiva, pois daí sairá uma forma totalmente distinta de compreender as relações entre cultura, a discursividade retórica, a técnica e a sociedade.

Palavras-chave: retórica; técnica; materialidades da comunicação; cultura; sociedade ↷

As muitas faces da retórica: reconhecendo as suas quatro tradições

Samuel Mateus, LabCom – Universidade da Beira Interior / Universidade da Madeira

A retórica é uma disciplina milenar atravessada por diferentes escolas de pensamento e domínios científicos. Encontramos investigadores em retórica provenientes de um vasto leque de disciplinas académicas, incluindo Filosofia, História, Estudos Clássicos, Antropologia, Ciência Política, Linguística, Comunicação e Estudos de Composição (Composition Studies). Tal conduziu a pequenos enclaves de investigação que inibem a identificação interdisciplinar. De facto, dada a multiplicidade de usos, intenções e domínios sociais a que a palavra "retórica" é aplicada, o campo da retórica convida a abordagens, por vezes, ambivalentes à teorização retórica. Tais abordagens podem prejudicar a compreensão da natureza e âmbito desta disciplina, uma vez que, mesmo que se utilize o mesmo nome "retórica", é bastante distinto fazer uma análise retórica de uma imagem (retórica visual), de um videojogo (retórica processual) ou de uma peça literária (como a retórica literária).

Nesta comunicação, traço os contornos históricos, conceptuais e ideológicos da retórica

ao longo do tempo até à era contemporânea. Não procurarei definições a priori, nem estabelecerei uma ontologia e epistemologia da retórica. Em vez disso, defendo que a retórica enquadra um campo de estudo amplo e abrangente da comunicação humana. E argumentarei que a melhor forma de compreender o que a retórica é atualmente é distinguir as suas quatro principais tradições.

O que é a retórica hoje (nos seus múltiplos significados, domínios científicos e âmbitos) só pode ser discernido através da compreensão dos quatro principais ramos científicos que fazem da retórica uma disciplina tão pertinente e importante, mesmo hoje, em sociedades fortemente mediatizadas. A avaliação destas quatro tradições principais só nos pode dar um vislumbre do pensamento estratégico que a retórica tem vindo a desenvolver desde a sua fundação.

Palavras-chave: história da retórica; retórica mediatizada; teoria retórica ↷

Da comunicação: como tratar a recusa da comunicação

Guilherme F. Alcobia, Universidade Lusófona

De acordo com a conceção comportamentalista e cibernética da comunicação, que essencialmente a entende como o envio de uma mensagem de um emissor para um recetor através de um canal, facilmente se identificam, pelo menos, três motivos que fazem da comunicação enquanto tal improvável. Niklas Luhmann (1981) sintetizou-os: é improvável a compreensão do sentido da mensagem; é improvável o acesso do recetor ao emissor; e é improvável que dessa interação comunicacional resulte o efeito pretendido na origem. Por outras palavras, cada um dos três elementos necessários na situação comunicacional (a mensagem, o par emissor-recetor, o canal) constitui simultaneamente um obstáculo que a pode inviabilizar. Na teoria de Luhmann, os sistemas sociais regulam-se e estruturam-se justamente consoante as formas em que essas improbabilidades se transformam em probabilidades, o que é dizer consoante as formas em que mensagem, emissor-recetor e canal se organizam e otimizam de maneira que se estabeleça, com êxito, a comunicação. As comunidades e as condições da organização da vida social estão por isso diretamente ligadas às formas em que se evita a improbabilidade da comunicação.

São inumeráveis todas as falhas e lacunas que possivelmente – provavelmente – frustram a comunicação. Contudo, o que dizer quando ela, mais do que improvável ou falhada, não só é indesejada como inexistente? Que relação social pode existir quando a improbabilidade da comunicação é abraçada e não evitada?

Para responder a esta questão, importa distinguir entre não-comunicação, anti-comunicação e comunicação. À mera não-

comunicação correspondem aquelas situações em que a improbabilidade da comunicação não é evitada de forma bem-sucedida, devido a distúrbios no canal (distância, cortes, defeitos técnicos), erros na mensagem (linguísticos, lógicos) ou problemas na relação emissor-recetor (mentira, desacordo). Já a anti-comunicação, como bem a pensou Herbert Brun (1972), não constitui uma recusa da comunicação, mas uma tentativa de dizer algo novo através de nova linguagem. Nos antípodas da situação comunicacional está a situação anti-comunicacional, uma “expressão potencial e virtual num campo destituído de garantia comunicacional”. Por exclusão de partes, é da comunicação que falamos quando abordamos a inexistência voluntária de comunicação – o silêncio. Dominique Wolton (2019) considera esta a situação radical da comunicação, a guerra. “Na comunicação, já não há um desacordo assumido, apenas relações de força e o peso da alteridade. A recusa do outro, com uma vontade de o dominar ou de o negar.” Todas as regras comunicativas se diluem, e o próprio fundamento esquemático da comunicação rompe-se: não há mensagem, nem emissor, nem recetor. Ou, pelo menos, não nesses termos: os sujeitos da comunicação interagem – recusam a interação – sem posição definida.

Que processos impulsionam atualmente a comunicação? Que vida social e que política é possível no meio do silêncio? Estamos hoje na posição de defender as virtudes da não-comunicação face à tragédia da comunicação.

Palavras-chave: comunicação; silêncio; anti-comunicação; política ↻